LIÇÕES
DE
PHILOSOPHIA ELEMENTAR
RACIONAL E MORAL

Signalons dans une autre partie du monde (o Brasil) les Leçons de Philosophie Elementaires Rationelles et Morales de José Soriano de Sousa, docteur en médicine, professeur au Gymnase Provincial de Pernambuco (près de 600 pages de texte compact ; 1871), Cet ouvrage fut offert par son auteur à l'Empereur du Brèsil Dom Pedro II. Franchement thomiste, il rèvéle à la fois une connaissance remarquable du mouvement philosophique et une parfaite possession des oeuvres du grand docteur de l'Eglise, l'interprète le plus sûr de la foi catholique.

Tous les séminaires de langue portugaise pourraient adopter ce manuel, car il serait difficil d'en trouver un autre qui lui fût superieur par la précision et la riguer avec lesquelles il deduit les principes fondamentaux de la doctrine thomiste.

(É uma apreciação de 1898, do sr. Dr. Ferreira Deusdado - de Portugal -). Vide Revue Neo-scolastique, paginas 440 e 441- volume V- 1898- .

(Vol. V é o todo dos fasciculos de 1898)

BIBLIOTHECA DO ESTUDANTE DE PHILOSOPHIA

PARIZ. — TYP. SIMON RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

LIÇÕES

DE

PHILOSOPHIA ELEMENTAR

RACIONAL E MORAL

POR

JOSÉ SORIANO DE SOUZA

DOUTOR EM MEDICINA,
CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. GREGORIO MAGNO,
PROFESSOR DE PHILOSOPHIA NO GYMNASIO PROVINCIAL DE PERNAMBUCO.

Sapientia speciosior sole.
SAP., VII, 29.

PERNAMBUCO
LIVRARIA ACADEMICA
DE
JOAO WALFRÊDO DE MEDEIROS, LIVREIRO-EDITOR
79, RUA DO IMPERADOR, 79

PARIZ. — Vᵛᴬ J.-P. AILLAUD GUILLARD E C.

1871

PREFACIO

Summus philosophiæ finis religio.
(DESCARTES, *Epist.*)

Qual é em substancia e religiosamente fallando a questão fundamental e suprema que occupa hoje os espiritos? Não é outra senão a debatida entre os que admittem e os que negão uma ordem sobrenatural, certa e suprema, posto que inaccessivel á razão humana. E se havemos de nomear as cousas pelos seus nomes proprios, a questão não é outra que aquella que se debate entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. Militão deste lado incredulos, pantheistas, scepticos e racionalistas puros, e d'aquelle os christãos. Os primeiros, ainda os mais moderados, não deixão subsistir no mundo e n'alma humana outra cousa que a estatua de Deos, sua imagem ou sua sombra; os segundos crêm em um Deos vivo. (*Meditações e estudos moraes*, *Pref.*, p. II.)

Estas palavras do protestante e douto publicista Guizot, debuxão fielmente o actual estado dos espiritos. Se agora accrescentarmos que a ultima consequencia logica do racionalismo, ou da independencia

absoluta da razão, é o *naturalismo*, isto é, o systema que exclue toda influencia da idéa do sobrenatural na direcção moral da humanidade, teremos que a luta de que nos falla o illustre escriptor se estabelece entre os que crêm na ordem sobrenatural e em sua influencia no destino das sociedades e os que negão.

Naturalismo e sobrenaturalismo, razão independente e fé humilde taes são portanto os termos da magna questão debatida na sociedade moderna, desde que ao grito da independencia religiosa do seculo XVI, seguio-se o da independencia philosophica, escrevendo logo o patriarcha da moderna philosophia na primeira pagina de seu codigo «a razão humana é por natureza independente.» Desde então um espirito maligno e inimigo das crenças da humanidade parece querer destruir todas as cousas estabelecidas, assim na ordem politica, como na moral e intellectual.

Na ordem politica o naturalismo não admitte a influencia do sobrenatural nas instituições sociaes. O poder deve nascer da vontade do maior numero, não precisa faze-lo descer do céo; a lei deve ser redigida como se não houvesse Deos, ou em outros termos, deve ser atheista; o Estado deve separar-se da Igreja; o Rei o deve ser por graça do povo, e não por graça de Deos. Eis aqui a synthese do naturalismo politico. D'aqui as lutas intentadas contra o Poder em nome da liberdade, e a dos Poderes da terra contra o Poder divino, e como consequencia natural a falta de respeito e amor á Pessoa sagrada dos Imperantes, os ungidos do Senhor. Então o Estado não é mais como uma grande

familia, nem os subditos como filhos, nem os monarchas como pais. Quando a intelligencia duvida da autoridade, ou a reputa um producto seu, o coração interiormente nega-lhe respeito.

Na ordem moral o que vemos? A razão proclamando uma *moral independente*. Independente de quem e de que? De Deos, e de sua divina sancção. Deixem-nos obrar pelo nosso livre arbitrio; eis aqui o primeiro postulado da moral atheista. Com taes principios não é maravilha o estado actual dos costumes, a relaxação das maximas, a demasiada liberdade de manifestar os pensamentos, a reducção do direito ao facto material consumado, a conversão da autoridade na somma dos numeros e forças materiaes, o egoismo nos corações, e emfim esse detestavel cynismo com que na sociedade se sustentão as mais falsas e perniciosas doutrinas.

Na ordem intellectual a luta é propriamente entre a razão e a fé, a philosophia e a revelação. Pretende a razão, sem respeito a Deos, ser o arbitro unico do verdadeiro e do falso, do bem e do mal; ser a lei para si propria, e sufficiente por suas forças naturaes para alcançar o bem dos homens e dos povos. Declara-se fonte de todas as verdades religiosas, e consequentemente a regra soberana pela qual o homem póde e deve procurar o conhecimento de todas as verdades. Ousa declarar por inimiga a fé de Jesus Christo, e como inutil, e até nociva a revelação. Emfim, a philosophia, producto dessa razão, proclama que nem póde nem deve submetter-se a autoridade alguma!

Quando a razão humana delira de tal modo, logo o coração de todo se subverte, e irrisoriamente moteja a instituição dos sacramentos da Igreja de Jesus Christo, e os seus dogmas sagrados, aos quaes chama *crenças antiquadas*. Assim deploravelmente converteo-se a *sciencia das cousas divinas e humanas* em synonymo de impiedade e respiradouro de odio contra o que todos os seculos tem venerado.

A razão mais reportada e menos pretenciosa contenta-se com ser igual á razão divina, e olha para a philosophia e a revelação como *duas irmãs immortaes*, procedentes de uma mesma fonte.

Sim, de certo a razão humana e a religião, a philosophia e a revelação ambas procedem da razão divina, *ambæ ab uno, eodemque immutabili veritatis fonte, Deo, Optimo, Maximo, oriuntur;* e assim reciprocamente se auxilião, *atque ita sibi mutuam opem ferant*. Mas quão desarrazoada seja aquella igualdade fraternal, facilmente se colhe de ser a religião pensamento divino, verdade eterna, invariavel e perpetua, e a philosophia pensamento humano, e como tal variavel e sujeito a paixões e erros. O pensamento humano, instrumento da philosophia, e a fé instrumento da religião são dons de Deos; mas nem por isto havemos de pôr a religião no mesmo pé de igualdade que a philosophia. Se o terem ambas sahido das dadivosas mãos de Deos fosse razão de as declararmos irmãs, então amplificando os laços da fraternidade deveramos, como Michelet, declarar os brutos nossos *irmãos inferiores*, porque nós como elles procedemos

de Deos, autor de todo ser. E eis que por ahi iria a presumida fraternidade parar no abominavel pantheismo! Não, a philosophia não póde ter o mesmo poder que a religião; aquella vem do homem e é obra de seu espirito; esta vem de Deos, e é obra de sua sabedoria e de seu amor. Não diremos que a philosophia é *escrava* da religião, porque aquella palavra é odiosa e violenta, mas porque não apellida-la serva affectuosa e humilde, discipula docil e obediente da religião?

A philosophia orgulhosa de nosso seculo, que proclama a autonomia absoluta da razão, e arrancando ao coração do homem o Deos que ahi vive pela fé, só lhe deixa a estatua ou a sombra desse Deos; ousa estender a mão ao homem, declarando-se unica conductora segura no arriscado caminho deste mundo. Mas quem não temerá o abysmo se não tem outra guia que a philosophia? *Cæcus si cæco ducatum præstet, ambo in foveam cadunt*. «Pobre philosophia, exclamava o incomparavel Bossuet, que vejo em tuas escholas senão contestações inuteis e interminaveis? Como queres que só me confie de ti, se es tão variavel e incerta, se tantas vezes tens cahido em erro! Quando me ponho a considerar no vasto e agitado mar das razões e opiniões humanas, não posso descobrir em tão grande estensão um só lugar, ainda que calmo e abrigado, que não seja celebre pelo naufragio de algum personagem illustre.» O accento e convicção das palavras desse poderoso genio, que tão alto subio sustentado na razão soberana de Deos, assás mostrão o que pen-

sava daquella philosophia *emancipada* e *livre dos estorvos da fé.*

Como Bossuet tambem não nos fiamos dessa philosophia orgulhosa e chimerica, e a repellimos como a mais cruel inimiga das verdades necessarias ao genero humano.

Mas ao lado dessa philosophia, que tem por nome *racionalismo*, milita outra, que longe de repellir a revelação divina e as advertencias da religião de Jesus Christo, as abraça, ouve-lhe as lições, e faz suas delicias em trilhar o caminho que lhe aplanarão. Deste modo vê satisfeito o mais ardente desejo da razão, se correspondesse com o infinito, que faz sua nobreza e seu tormento; vê dilatado o campo de suas investigações, e sobraçada com a fé chega onde de per si não poderia ir; resolve as mais graves questões, acerca do homem, e goza da inappreciavel vantagem de conhecer facil e certamente que os raciocinios contem vicios, porque vão parar em conclusões *contrarias* aos dogmas.

Essa philosophia que sabe que a sciencia divina não offusca a sciencia humana, e que ao contrario esta se torna mais brilhante com os raios reflectidos d'aquella, *lumen scientiæ humanæ non offuscatur, sed magis clarescit per lumen scientiæ divinæ;* que persiste em querer ser guiada pela fé « que é como o telescopio da intelligencia, pois allonga o seu horizonte, e faz-lhe descobrir novos astros no céo do pensamento e da verdade » essa philosophia é a dos Doutores christãos, é a philosophia escholastica ou thomistica, que tantos e tão assignalados serviços prestou á causa da sciencia e da civilisação, e que durante cinco seculos illustrou os espiritos e formou os maiores genios dos tempos modernos.

Começando principalmente do seculo XIII brilhou ainda no seculo XVII e parte do XVIII em Fénelon, Bossuet e Leibnitz. Esses tres philosophos, os maiores d'aquella epocha, ainda que na fórma parecão cartesianos, são na essencia discipulos de S. Thomaz; especialmente os dous ultimos nada mais são que exactos sequazes do incomparavel Doutor, que Massillon chamava *notre Docteur œcuménique.* Leibnitz, o grande Leibnitz em sua sabedoria e profundo bom senso reconheceo e confessou a utilidade e solidez da philosophia de S. Thomaz nestas palavras que gostosamente transcreveremos.

« Vejo que muitos sujeitos habeis estão persuadidos que se deve abolir a philosophia das Escholas, e substitui-las por outra; mas depois de haver bem ponderado tudo, penso que a philosophia dos antigos é solida e que é necessario servir-nos da dos modernos *para enriquece-la, porém não para destrui-la.* Sobre este particular hei tido varias contestações com cartesianos habeis, aos quaes hei demonstrado pelas mathematicas que não chegárão ao conhecimento das leis da natureza, e que para obter esse conhecimento é preciso considerar na natureza não só a materia senão tambem a actividade ou força... por cujo meio penso rehabilitar a philosophia dos antigos ou da Eschola, da qual a theologia se serve com tanta utilidade, sem por isso derogar os descobrimentos modernos. Nossos *mo-*

dernos, diz em outra parte, não fazem bastante justiça a S. Thomaz, e outros grandes homens d'aquelle tempo, na doutrina dos quaes ha seguramente mais solidez do que imaginão... E até estou persuadido que se algum talento exacto e profundo se encarregar de declarar e dirigir as doutrinas delles, conforme o methodo dos geometras analyticos, encontrará lá um *thesouro de verdades* mui importantes e completamente demonstrativas. »

Nem é sómente até o seculo de Leibnitz e Bossuet que encontramos os reflexos da philosophia de S. Thomaz. Em nossos dias mesmos, onde está o philosopho notavel, em cujas obras não se ostentem ou pelo menos não reçumbrem os eternos principios sustentados e lucidamente expostos pelo autor das duas Summas? Rosmini, Raulica, Sanseverino, Liberatore, Pianciani e outros na Italia; Clemens e Klentgen na Allemanha; Balmés, Valdegamos e Zeferino Gonzales na Hespanha; Laforet e Rutten na Belgica podem servir de prova ao que dizemos. E porque não mencionaremos Cousin? Nas obras deste illustre philosopho a par de aberrações racionalisticas e pantheisticas, que recebera de Kant e seus discipulos, tambem se notão frequentemente reminiscencias de suas leituras da *Summa de Theologia*, a qual com justiça chamou « um dos maiores monumentos do espirito humano na meia idade, e que contem alem de uma alta metaphysica, um systema completo de moral e até de politica. »

Banida outra hora inconsideradamente das escholas, para dar lugar á philosophia moderna, que Jouf-

froy um de seus coripheos, chama « un labyrinthe de rêveries, de contradictions, d'absurdités » a philosophia christã está em via de restauração, graças ás lições da experiencia, que nos tem mostrado que nunca a deveramos ter abandonado. Em vez de se conformarem com a velha maxima *inventis addere*, lei primaria de todo progresso razoavel, poserão-se os espiritos inquietos e amantes de novidades a demolir por seus fundamentos aquelle ingente e primoroso edificio, levantado pelos maiores genios do christianismo.

Mas, graças a Deos, que já vai passando a moda de chancear da philosophia escholastica, e os homens doutos que a não professão, pelo menos elogião e admirão esse corpo de philosophia regido em todas as suas partes por principios, que fazem dellas um só todo.

Já vemos, por duas vezes (1845 e 1856) a celebre Academia de sciencias moraes e politicas de França pôr em concurso essa philosophia, e premiar as melhores obras que a seu juizo se apresentárão sobre o programma dado; e um dos autores premiados francamente diz em seu estimado escripto : « Não occultaremos nossos sentimentos christãos nem nossa sincera admiração para com o Mestre illustre que foi na meia idade o mais autorisado interprete da fé catholica. Sem deprimir a philosophia actual, nem pretender, como alguem suspeitara, fazer retrogradar o espirito humano, não podemos comtudo resolver-nos a não fazer caso da *Summa de Theologia* e da *Summa con-*

tra gentios, e atira-las entre as obras caducas; pelo contrario cremos que ellas contem fecundos germens, ainda não esterilisados, e que podem dar fructos salutares. (C. Jourdain, *La Philosophie de saint Thomas*, t. I°.)

Vemos tambem todos os annos sahirem dos prélos da Italia, França, Hespanha, Allemanha e Belgica compendios redigidos conforme o espirito do Doutor angelico, e as obras deste serem reimpressas, traduzidas e commentadas em linguas vulgares.

Verdade é que ainda os ignorantes e bufões da sciencia têm algumas chanças de máo gosto e sediças rabularias com que acommettem essa philosophia, que ignorão, e da qual segundo elles, ninguem mais faz caso. Mas não está escripto que o nescio improperá acremente... e dirá fatuidades, *Stultus improperabitur acriter... et fatua loquetur?*

Deixemos os nescios, e tenhamos como assentado no juizo dos doutos, que a maxima necessidade de nossos tempos, é a restauração da metaphysica christã, fundada por S. Thomaz no maravilhoso accordo das duas luzes do espirito humano, a razão e a fé. Só d'ali póde vir efficaz medicina dos males que deploramos na ordem politica, moral e intellectual. E a ninguem deve esse asserto parecer um paradoxo, pois se é certo, como observa um insigne philosopho romano, que as verdades particulares dependem das universaes que as contem, e que os rios sahem das fontes, não ha quem não esteja vendo a influencia da metaphysica nos demais estudos, e principalmente nos que se re-

ferem aos costumes e á sociedade humana... Assim que é uma verdade constante, que onde os espiritos estão pervertidos, ou compostos, ahi reina uma metaphysica viciosa, ou verdadeira.

Pela nossa parte convencido dessa verdade, e attendendo mais para o valor do fim, do que para a deficiencia de nossas forças temo-nos dedicado ao estudo dessa metaphysica; e para vulgarisa-la, e incitar entendimentos de mór quilate ao seu estado publicamos, ha tres annos, o *Compendio de Philosophia, segundo os principios e methodo de S. Thomaz*, trabalho de que fomos liberalmente recompensados, tanto pelas gratuitas animações que recebemos de pessoas piedosas e doutas, quer ecclesiasticas, quer seculares, como tambem pelo benigno acolhimento que o nosso livro encontrou em algumas casas de educação.

É portanto animado desse consolador resultado, e tendo sempre em mira o supradito fim, que agora sahimos de novo com estas *Lições de Philosophia elementar, racional e moral*, que esperamos levarão vantagem ao *Compendio*, senão na essencia, porque nossas doutrinas não mudão, ao menos na fórma, a qual nos parece quadrar mais com os usos actuaes do magisterio.

Até aqui a razão deste livro; agora algumas palavras ácerca de sua economia.

Estamos convencidos que a fórma syllogistica nos livros didascalicos é de todas a mais vantajosa, porque habitua o espirito á precisão e ao rigor, obstando as divagações tão frequentes n'aquelles que principião

a estudar. Com essa fórma menos rigorosa publicamos o *Compendio;* ahi se vêm divisões exactas, o estado da questão a discutir, principios formulados, definições precisas, proposições contendo summariamente a materia de cada tratado, demonstrações rigorosas da verdade das proposições, refutação completa das objecções que se lhe podem fazer. Eis aqui o methodo escholastico, cuja perfeição é insuperavel, e que procuramos seguir n'aquelle livro. Um escriptor tão insuspeito, quão notavel na philosophia moderna, Vicente Gioberti, comparou muito bem o actual systema de ensino em fórma oratoria contrapondo-o ao antigamente seguido pelos escholasticos. Essa comparação, ainda que um pouco longa, deve ser citada; diz assim :

« Então o officio do professor consistia na interpretação de um compendio elementar, que expunha de modo claro, succinto e preciso os principios e as deducções fundamentaes das doutrinas. As lições erão diarias; o mestre declarava de viva voz, illustrava e explicava repetidas vezes o texto, accrescentando as explicações convenientes e accommodadas á capacidade dos alumnos. Estes erão interrogados a miudo; disputavão entre si sob a direcção do professor; acostumavão-se a dominar a materia, a penetrar-lhe o intimo, a considera-la por todas as faces; a distinguir os pontos fracos e obscuros de uma doutrina, a expôr com precisão e clareza seus conceitos, e nunca separar-se da logica na serie dos raciocinios. Esses exercicios parecerão por ventura pouco brilhantes, como hoje dizem, mas em troca erão solidos e fecundos. As escholas regidas desse modo derão ao mundo engenhos vigorosos; dellas sahirão Dante, Galileo, Bacon, Bossuet, Leibnitz, Newton, Lineu, Vico, Muratori e todos os nomes mais gloriosos da moderna idade. Hoje porem esse modo de ensinar é reputado ridiculo, pedantesco e intoleravel. Os professores illustres pensão envilecer sua eloquencia dando mais de uma ou duas lições por semana; fallão elles só durante a hora, e em estylo que geralmente não é modelo de elocução didascalica, posto que abundem em sentenças, imagens, epigramas, e recebão applausos do auditorio. Ai! d'aquelle que ao descer da cadeira não fôr acolhido com uma salva de bravos, e tiver de sahir silencioso da aula! Dos ouvintes poucos entendem o mestre, muitos o escutão, todos o applaudem. Aquelles poucos tomão ás carreiras em um pedaço de papel os pontos principaes do discurso, e sabe Deos a exactidão com que fazem essa especie de resumo jovens inexpertos, impacientes, que não conhecem a materia, que a ouvem pela primeira vez e que não podem aprende-la, e ainda menos digiri-la na primeira intenção. A isto se reduz em substancia a utilidade de taes sessões, pois a turba dos ouvintes costuma sahir da aula tão as escuras como entrou; e com quarenta ou cincoenta lições annuaes por esse estylo se aprende uma sciencia e se lanção as bases de uma celebridade futura. »

É de conformidade com essa pratica que os modernos compendios de philosophia são redigidos em

estylo ciceronico, onde abundão divagações e palavras inuteis.

Sem embargo, agora tambem pensamos dever sacrificar um pouco ao idolo do uso, redigindo estas *Lições* em estylo commum. Pessoas entendidas e experientes nos tendo dito já por escripto, e já de viva voz, que não sacrificassemos o *fundo á forma*, e que se as doutrinas de nosso *Compendio* fossem expostas na fórma usual produzirião maiores bens, porque facilitarião sua leitura a maior numero de pessoas, e finalmente que se houvessemos de publicar outro livro experimentassemos, assentamos tomar o conselho. Eis aqui porque este escripto vai a modo de lições, nas quaes todavia não foi esquecido o raciocinio.

Procuramos ser conciso e breve, se o conseguimos ou não decidirão os doutos que nos fizerem a honra de ler. Mas o que não nos poderão contestar, é que todos os pontos do actual programma do ensino da philosophia estão tratados, e pela genuina e verdadeira doutrina dos grandes mestres. E não só os discutimos conforme essas doutrinas, senão que fomos comparando estas com as dos mais celebres philosophos dos tempos modernos, de sorte que o joven alumno adquirindo os bons principios, ficará tambem conhecendo o summario dos varios systemas de philosophia antiga e moderna. Por esse modo cremos ter dado ao nosso livro toda a possivel actualidade. E disto se convencerá o leitor pela simples inspecção do indice das materias.

Pede a justiça litteraria que agora mencionemos os autores que nos auxiliarão com suas luzes, na confecção deste livro, já que de todos não fizemos menção nas paginas do mesmo, por não torna-las sobrecarregadas de citações. Esses autores são os que estão em outra parte declarados sob o titulo de *Bibliotheca do estudante de philosophia*. Como muito nos servirão, e estão servindo, os aconselhamos aos estudantes como os melhores para consultar no estudo.

Jovens estudantes de philosophia, em vossas lucubrações tende sempre presente que a religião se não cria talentos, desenvolve e tempera os que a natureza dá. A religião salvou a civilisação da barbaria, e creou as sciencias nas nações christãs; só ella póde pois nos conservar na civilisação. A religião interessará sempre a intelligencia e ao coração humano, porque tem com o homem inteiro, com suas faculdades intellectuaes e sensiveis, com seus deveres, até com suas paixões, com o seu destino presente e futuro a mais intima e universal relação. Só a ella compete dizer a ultima palavra sobre o principio e o fim do homem, questão maxima da philosophia, assim como sobre os meios de attingir a aquelle fim; e a philosophia que não quizer ser inimiga do homem, deve esforçar-se por conduzi-lo direitamente ao seu destino. Por esse modo vem a philosophia, como dizia Descartes, a não ter verdadeiramente outro fim que a religião; *Summus philosophiæ finis religio*.

LIÇÕES

DE

PHILOSOPHIA ELEMENTAR

RACIONAL E MORAL

LIÇÃO PREAMBULAR

DA PHILOSOPHIA EM GERAL

SUMMARIO. — 1. O estudo da Philosophia deve começar pelas generalidades desta sciencia. — 2. A Philosophia tem tido muitas definições. — 3 Sua definição nominal. — 4. Sua definição real. — 5. Provas da existencia da Philosophia. — 6. Porque só imperfeitamente podemos saber a Philosophia. — 7. Do verdadeiro objecto da Philosophia — 8. A universalidade e unidade caracteristicos dessa sciencia. — 9. A Philosophia a mais util e excellente das sciencias racionaes. — 10. Ella é necessaria ao estudo das sciencias sociaes, juridicas e economicas e até á mesma religião. — 11. Relações de dependencia das sciencias racionaes a respeito da Philosophia. — 12 Subordinação da Philosophia á Theologia revelada. — 13. O pantheismo ou o atheismo consequencia da negação d'aquella subordinação. — 14. Refutação dos erros dos racionalistas neste particular. — 15. Como se divide a Philosophia. — Porque o seu estudo deve começar pela Logica.

1. Encetando um curso elementar de Philosophia, é natural que antes de estudar em particular os pontos dessa sciencia, occupemo-nos do que de mais geral se póde dizer sobre ella. Adstrictos a esse dictame da razão, tomaremos para assumpto da lição de hoje a *natureza*, e *existencia* da Philosophia, o seu *objecto*, a sua *primazia* e *utilidade* a respeito das outras sciencias, e finalmente a sua *divisão* e por qual *de suas partes* havemos de começar o seu estudo.

2. A natureza de uma cousa se declara definindo-a, como logo sabereis; por tanto, para que conheçamos a natureza da Philosophia, preciso é defini-la. O que é pois a Philosophia? São innumeraveis as definições que lhe hão dado os autores antigos e modernos. Uns tomão por seu objecto o que lhe não pertence, outros não abrangem esse objecto em toda sua extensão real. D'ahi a grande diversidade das definições, e bem assim o desapreço em que alguns tem a Philosophia, pois não falta quem conclua dessa discrepancia que não existe a cousa que a palavra é destinada a significar.

3. A Philosophia se define nominal e realmente. A sua definição *nominal* é mui conhecida, se diz que é *o amor da sabedoria*.

Ao fundador da eschola italica devemos o nome de Philosophia ou a definição nominal desta sciencia. Refere Cicero, que Leão, rei dos Feliacos, admirado do saber e eloquencia de Pythagoras, lhe perguntára que sciencia professava, e que elle respondera que nenhuma sabia, e era simples *Philosopho*, isto é, amante da sabedoria, pois é aquella palavra formada de dous radicaes gregos — *philos* e *sophia*, que querem dizer — *amante da sabedoria*. Desde então, os homens dedicados ás altas investigações das cousas não se nomeárão mais, como d'antes, *sophos*, isto é, sabios, senão Philosophos. Quanto a sua accepção etymologica é pois a Philosophia o amor da sabedoria.

4. Pelo que respeita porem á cousa que aquelle termo significa, isto é, quanto á definição *real* da Philosophia, diremos que *é a sciencia natural*, *certa e evidente das cousas por suas ultimas razões*. Vamos agora á explicação.

Ha duas sortes de conhecimento, um espontaneo, superficial e de facto, outro reflectido, aprofundado e causativo. Pelo primeiro sabemos as cousas ignorando as suas ultimas razões, assim como a natureza de nosso conhecimento; o segundo não só nos-las faz conhecer, mas tambem, nos dá a sciencia da natureza de nosso conhecimento. Aquelle é o conhecimento commum a todos os homens, denominado com exactidão *vulgar;* este é o conhecimento particular a certas pessoas, é o conhecimento *scientifico*, e a elle pro-

priamente chamamos Philosophia; quem o possue é philosopho. Os termos *natural* e *evidente* empregados na definição extremão a Philosophia da Fé, que é um conhecimento *sobrenatural* e essencialmente *inevidente*.

5. Mas existirá semelhante sciencia? A cada um de nós attesta a propria consciencia a existencia de um natural desejo de saber o porque das cousas, desejo que não se satisfaz e descança antes que o descubra. Esse facto interno encontra uma confirmação exterior no que observamos nos meninos, os quaes, a medida que sua intelligencia vai desenvolvendo-se, de tudo que conhecem facilmente perguntão o porque; e se não contentão com lhes dar-mos uma primeira razão, seguem indagando o porque do porque. Ora, esse sentimento natural póde ser não poucas vezes satisfeito, adquirindo a razão o conhecimento evidente das ultimas razões ou porques das cousas. Mas esse conhecimento constitue a Philosophia, logo esta sciencia existe.

6. Entretanto não póde ella ser perfeitamente sabida do homem, pois muitas cousas ha que não podemos conhecer com certeza e evidencia por suas causas, por effeito já da natural fraqueza de nosso entendimento, que decaio muito de seu primitivo poderio, em virtude do peccado original, já pela curteza de nossa vida, e já finalmente por sabia disposição de Deos, que quiz ignorassemos muitas cousas. D'onde concluimos que o nosso conhecimento philosophico é de si imperfeito. Fiquemos portanto sabendo desde logo, que um dos mais uteis resultados a que nos conduz a Philosophia, é o conhecimento *scientifico* de nossa ignorancia em muitas cousas. No sentir de Lactancio, a verdadeira Philosophia nos ensina, que nem devemos crer que sabemos tudo, o que só a Deos compete, nem que não sabemos nada, o que só é proprio do bruto; entre esses dous extremos ha um meio termo que compete ao homem, é a sciencia temperada da ignorancia: *Ubi ergo sapientia est? Ut neque te omnia scire putes, quod Dei est, neque omnia nescire, quod pecudis. Est enim aliquid medium, quod sit hominis, id est, scientia, cum ignoratione conjuncta, et temperata.* (Inst., l. III, c. VI.)

7. Eis assáz sobre a natureza e existencia da Philosophia. Agora vejamos qual seja o seu objecto. Não tinha outr'ora a nossa sciencia um objecto proprio e determinado. Sob a vaga denominação de *amor da sabedoria*, abrangião os antigos as altas especulações sobre todas as sciencias. Os reformadores modernos, buscando determinar esse objecto, o limitárão ao espirito humano, provindo d'ahi que depois de Descartes ficou toda a Philosophia reduzida a um esteril *psychologismo*, sendo de notar que para semelhante effeito não concorreo pouco posteriormente a eschola escoceza.

Da definição que temos dado da Philosophia, já podemos colher qual o seu verdadeiro objecto : são as razões ultimas e absolutas de tudo o que o homem póde naturalmente saber. Essas razões ultimas são de duas ordens : umas *limitadas* e *relativas* a um genero de assumpto, as quaes contem os principios especiaes de certa materia ; outras *illimitadas* e *absolutas*, e abrangem por isto mesmo tudo quanto o homem póde saber. O objecto da Philosophia são essas razões ultimas absolutas. D'ahi o definir Aristoteles a Philosophia, o conhecimento das primeiras e mais altas causas das cousas : *Sapientia est cognitio primarum et altissimarum causarum*. (*Metaph.*, l. I.) Pela mesma razão disse o philosopho romano que a Philosophia é a sciencia das cousas divinas e humanas e das causas que as contem : *Rerum divinarum et humanarum*, *causarumque*, *quibus hæ res continentur, scientia*. (Cic., *De Officiis*, l. II.)

Se depois de termos considerado em si mesmas essas razões, as estudamos com applicação a uma materia especial, v. g. ao direito, á historia, etc. ; com o fim de ordenar e unificar os conhecimentos que se lhes referem, buscando reduzi-los ás suas ultimas razões respectivas, já então não temos mais a Philosophia propriamente dita, senão uma philosophia especial, a *philosophia do direito*, a philosophia *da historia*, etc. Cada sciencia propriamente dita é portanto *uma* philosophia, mas não *a* Philosophia.

8. Dous caracteres acompanhão sempre a Philosophia, e mediante elles a podemos distinguir de qualquer sciencia especial. Esses caracteres são *a universalidade* e *a unidade*.

Por quanto sendo o objecto de nossa sciencia o conhecimento das ultimas razões das cousas, e de tudo o que é podendo-se indagar as ultimas razões, segue-se que a nossa sciencia estende-se a tudo quanto não transcende ás forças de nosso natural discurso, o qual é o instrumento dessa sciencia : logo ella é universal. Nem essa qualidade destroe a sua unidade, pois lhe sendo natural estudar os entes só em suas ultimas razões, desse *unico* e especial aspecto sob que os estuda tira ella a sua unidade. É por tanto a mais ampla de todas as sciencias, sem deixar de ser ao mesmo tempo determinada.

9. Do antecedentemente dito já podemos inferir quão excellente e util seja a Philosophia, e que relações sustenta com as outras sciencias. Não ha autor que professando uma sciencia não encareça e sublime a sua primazia e utilidade ; mas é facto que, bem ponderadas as cousas, nenhuma existe que nesses predicados possa correr parelhas com a Philosophia. Por este motivo os mais afamados sabios da antiguidade lhe tributárão de commum acordo merecidos elogios. Cicero, fazendo-se interprete de todos, dizia : « Ha cousa que seja tanto para desejar-se como a sabedoria ? Que seja mais nobre, mais excellente e de mór proveito aos homens ? Logo quem vai atraz della tem o nome de philosopho, e nem a Philosophia quer dizer outra cousa se lhe interpretarmos o sentido, senão amor da sabedoria. »

É ella com effeito a primeira das sciencias naturaes e de todas a mais util. Que é a primeira se infere de sua mesma natureza, pois sendo a sciencia das ultimas razões das cousas, das razões absolutas de quanto póde o espirito humano conhecer, no que se differença das outras sciencias, que só investigão as ultimas razões de sua respectiva materia, claro é que tem a primazia a respeito de todas.

A unidade indivisivel dos conhecimentos humanos nos confirma nesse juizo. De facto, estão todas as sciencias de tal sorte connexas, que nenhuma ha que seja absolutamente independente das outras ; e as razões ultimas de cada uma só o são a respeito da materia de que trata, de sorte que ficão todas dependentes das razões ultimas absolutas de uma sciencia mais geral e sublime que contem a ultima ex-

plicação e serve de fundamento ás razões inferiores. Ora, essa sciencia é a Philosophia, logo é ella *a sciencia primeira* ou a *protologia*. A influencia necessaria que a Philosophia exerce em todas as sciencias, é uma prova de facto de sua excellencia. Reina em verdade uma secreta harmonia entre as sciencias de uma certa epocha e o espirito philosophico dominante na mesma. Este facto é reconhecido por varios observadores. Todo o direito social do seculo passado é uma viva imagem do sensualismo que dominava na provincia da Philosophia.

Pelo que respeita á utilidade dessa sciencia, facil é prova-la. Tem o homem duas faculdades especificas : o entendimento e a vontade. Aquelle tende naturalmente a conhecer a razão e o porque das cousas, e a Philosophia é a sciencia adequada para satisfazer essa natural inclinação do espirito humano ; não póde pois haver sciencia mais util do que ella. Cultivando o entendimento e conduzindo-o á sua perfeição, a nossa sciencia cultiva tambem a vontade, estudando a natureza dessa faculdade, e ensinando o verdadeiro fim para onde deve tender, e cuja posse faz a sua perfeição. Ora, póde haver nada tão util ao homem como conhecer o fim de suas operações voluntarias, já que é desse conhecimento que elle tira as regras de bem viver como homem particular e publico? Não é pois sem muita razão que o autor das *Tusculanas*, depois de ter cantado um enthusiastico hymno em louvor da Philosophia, accrescenta que, o philosopho que vive mal é tanto mais detestavel quanto a sciencia em que se dá por mestre, é a sciencia de bem viver : *Philosophia in ratione vitæ peccans hoc turpior est, quod in officio, cujus magister esse vult labitur, artemque vitæ professus, delinquit in vita.*

10. Se a Philosophia é necessaria á moral, como acabamos de ver, claro é que ha de ser utilissima ás sciencias juridicas, sociaes e economicas que da moral dependem. Pelo que não é possivel adquerir aquellas sciencias, e cultiva-las com bom fructo, sem o previo conhecimento da Philosophia, chave de todas ellas. E nem é só a essas sciencias que a Philosophia serve ; a religião não se utilisa pouco de seu prestimo, já demonstrando evidentemente os preambulos da fé, como a existencia de Deos, sua unidade e outros attributos absolutos, já illustrando as mais sublimes verdades dogmaticas por meio de similes tirados da natureza, já rebatendo os ataques cavillosos dirigidos contra a fé, e já finalmente provando que nenhuma verdade natural póde estar em contradicção com o que ensina a mesma fé. Todos esses misteres da Philosophia exhibidos por S. Thomaz (*Super Bœtium de Trinit.*, q. 2 a 3, e *Contr. Gent.*, l. I, c. VIII e IX), forão comprehendidos por S. Agostinho nestas breves palavras : *Fides... per scientiam gignitur, nutritur, defenditur et roboratur.* (*De Trinit.*, l. XIV, c. 1, nº 3.) *Gignitur* pela demonstração das verdades que são os preliminares da fé ; *nutritur et roboratur* pela gravidade das razões que as declarão e tornão intelligiveis ; *defenditur* confutando os sophismas com que os incredulos e hereticos impugnão a religião.

11. De quanto fica dito podeis já saber qual a natureza das relações que a Philosophia mantem com as outras sciencias naturaes. Dominando a todas pelos principios universalissimos, e ultimas razões que penetrão e vivificão a variedade innumeravel de nossos conhecimentos, as relações destes para com a Philosophia tem o caracter de *dependencia* ou de subordinação. Não ha sciencia sem principios, e já vimos que os de todas as sciencias particulares dependem da Philosophia ; todas ellas suppoem a distincção fundamental entre o certo e o incerto, e é a nossa sciencia quem lhes subministra o criterio da certeza ; nenhuma existe sem methodo, e as leis deste lhes são dictadas pela Philosophia ; emfim qualquer sciencia para elevar-se a sua dignidade necessita da previa solução da magna questão do ultimo fim do homem, para que possa ser cultivada pelo mesmo homem não como um fim, se não como um meio de alcançar o ultimo fim de maneira digna e conforme á sua natureza. Ora, só á Philosophia compete aquella solução.

12. Adverti porem que a dependencia de que temos fallado não é absoluta, mas limita-se ao dominio das sciencias puramente racionaes, pois se compararmos a Philosophia com a Theologia, havemos de dizer que esta é a todos os respeitos superior áquella. Com effeito, duas cousas de-

vemos considerar em uma sciencia para conhecer sua superioridade comparativamente á outra. Uma é a dignidade do objecto de que trata, outra é o gráu de certeza do conhecimento desse mesmo objecto. Ora, sob esse duplo aspecto é a Theologia revelada superior á Philosophia. Pela dignidade do objecto, porque se o da Philosophia são as verdades naturaes perceptiveis á luz da razão, o da Theologia são as verdades sobrenaturaes que transcendem a capacidade da razão, e só podem ser percebidas pela luz da fé. *Sicut sacra doctrina fundatur super lumen fidei, ita philosophia super lumen naturale rationis.* Pelo gráu de certeza, porque ao passo que a Philosophia recebe a sua certeza da luz natural da razão humana, que póde errar, a Theologia recebe a sua da autoridade de Deos, que é absolutamente infallivel.

13. Dependendo originariamente a razão humana da razão de Deos, que conclusão mais legitima e natural do que a subordinação da Philosophia á Theologia? Para nega-la fora mister ou identificar a razão humana com a razão divina, ou dizer que não ha razão mais nobre que a do homem; no primeiro caso teriamos o *pantheismo*, no segundo o *atheismo*. Por consequencia ou havemos de professar um desses dous absurdos, ou admittir duas ordens de verdades, e conseguintemente dous meios de conhece-los, a razão e a fé, e portanto a subordinação da d'aquella a esta.

14. Existe em Allemanha e França uma eschola philosophica que em nome de uma mal entendida liberdade de pensar, nega a dependencia de que fallamos, repelle da Philosophia a autoridade da revelação, e a proclama de todo independente da religião. Por incrivel ardileza de pensar Cousin, cabeça em França da supradita eschola, ensina que « a crença religiosa só é respeitavel na infancia do genero humano e no berço das sociedades nascentes » e d'ahi define a Philosophia « a reflexão emancipada e inteiramente livre dos laços da autoridade, e só fundando em si a investigação da verdade. » (No pref. do *Manual de hist. de Philosoph.* de Tenneman, p. 2.) E na ultima de suas obras diz ainda, para significar a absoluta soberania da razão humana « que ou a Philosophia não existe, ou é a ultima explicação de todas as cousas. »

Tão desasisada maneira de pensar se baseia na falsa supposição de repugnancia entre as verdades da revelação e as da razão natural. Mas a revelação, objecto da fé, e a razão natural não têm ambas a Deos por autor? Não são como dous raios emanados de um mesmo foco de luz indefectivel? Como poderão pois estar em contradicção? Poderá jamais a verdade contradizer a verdade? Das verdades propostas pela revelação umas estão ao alcance da razão natural, outras a transcendem. As primeiras não podem estar em opposição com a razão, já que esta póde attingi-las, as segundas, denominadas *mysterios*, jámais poderá a razão attingi-las, e por isso mesmo não lhes póde descobrir repugnancia intrinseca, visto que para este effeito seria preciso conhecesse perfeitamente o sujeito, o attributo e a copula que os une, e a propria natureza do mysterio impossibilita esse conhecimento. Póde a razão natural demonstrar que existe Deos, que a sua autoridade é infallivel; que a revelação era não só absolutamente possivel, senão tambem moralmente necessaria ao homem, e que essa revelação existio. E desde logo como será possivel que a razão, sem contradizer-se, repella a revelação como antephilosophica e anachronica? Deixemos pois de parte as vãns declamações de uma razão irreportada, e tenhamos como certo que a liberdade de philosophar só tem um obstaculo serio, é o erro, effeito de falsos raciocinios ou de preoccupações infundadas. Aristoteles, ainda que pagão, ensina que o homem deve trabalhar quanto póde por elevar-se ao que é immortal e divino. (*Ethic.*, I, X, c. VII). E nós é que havemos abandonar a razão divina, fonte de toda a verdade, pelo falso supposto de que a nossa razão perde em sua dignidade? Não, a dignidade da razão está em ella alcançar a verdade pela sciencia, e o brilho desta longe de offuscar-se com a luz da sciencia divina, faz-se mais fulgurante, como adverte S. Thomaz: *Lumen scientiæ non offuscatur, sed magis clarescit per lumen scientiæ divinæ.* Demorai vossa attenção nestas outras palavras do mesmo sabio; ellas são como o resumo de quanto temos dito sobre as relações da razão e da fé: *Dicendum quod homo, dum credit, rationem non abnegat; quasi contra eam faciens, sed, eam transcendit,*

altiori de rigente innixus, scilicet Veritate prima, quia ea, quæ Fidei sunt, etsi supra rationem sunt, tamen non sunt contra rationem. Ea autem, quæ supra hominem sunt, quærere non est vituperabile, sed laudabile, quia homo debet se erigere ad divina quantumque potest, ut dicit Philosophus. (*Sent.*, l. III, dist. XXIV, q., I a 3). Lede Leibnitz, *Discurso sobre a conformidade da fé com a razão*, e vereis quão exactamente pensava esse illustre philosopho sobre essa questão.

15. A divisão da Philosophia e a ordem que devemos seguir em seu estudo, é o que nos resta tratar. As divisões na sciencia são operações artisticas, pelo que sempre se lhes descobre alguma cousa de arbitrario. D'ahi a variedade das divisões que os doutos têm dado da Philosophia. Sem embargo é certo, que devem ellas ter o seu fundamento na natureza do objecto da sciencia. O conhecimento scientifico dos entes é, como vimos, o objecto da Philosophia; ora, relativamente a nós póde o ente ser considerado quer como termo do entendimento, e sob esse respeito se chama *verdadeiro*, quer como termo da vontade, e é então dito *bom*. D'ahi a mais geral das divisões da Philosophia, a que a reparte em *especulativa* e *pratica* ou em *racional* e *moral*. Aquella perscruta o ente em quanto verdadeiro, e esta em quanto bom. A parte especulativa se subdivide em duas outras que são a Logica e a Metaphysica. Esta se subdivide ainda em Ontologia, Psychologia e Theologia natural. *Logica*, *Ontologia* ou metaphysica geral, *Psychologia*, *Theologia natural* e *Moral* são as cinco partes em que dividimos a Philosophia.

16. E agora por qual dellas havemos de começar o nosso estudo? Foi e é ainda invariavel pratica para todos os bons philosophos abrir o estudo da Philosophia pela logica. A esse modo de proceder, nos conformamos nós, por ser elle racional. É condição do espirito humano não poder adquirir a verdade senão discorrendo do conhecimento de uma cousa para o de outra; ora, é Logica quem ensina a discorrer com ordem na investigação das cousas; logo deve ella preceder a todas as outras partes da Philosophia. Como procederiamos nestas se já não soubessemos o processo natural

da razão? O modo de saber, é como observa S. Thomaz, naturalmente anterior ao mesmo saber: *Oportet primo scire modum scientiæ, quam scientiam ipsam*. « Como poderá a razão, diz S. Agostinho, passar a construir alguma cousa sem antes distinguir, observar e dirigir as regras e os preceitos da razão, que são como os instrumentos de que a mesma razão se ha de servir, formando assim a arte chamada *Dialectica*? É na verdade a Dialectica quem nos ensina a aprender, nos manifesta o que a razão é em si, o que quer e o que pode » Aquelles que começão a Philosophia pela Psychologia vão pois tão acertados como quem vai em busca de uma cousa sem lhe saber antes o caminho e o modo de acha-lo. Depois da Logica, a parte da Philosophia que nos dá noções mais necessarias á comprehensão das cousas é sem duvida a Ontologia. Por isto a estudarmos logo depois da Logica, em seguida trataremos da Psychologia, da Theologia natural, e por fim da Moral, que é a corôa de toda a Philosophia.

Ou a Igreja, ou a escravidão; o dilemma é brutal, mas é verdadeiro. Com effeito, ou Deos reina sobre o homem, ou o homem reinará sobre o homem, e esta é a formula clara da escravidão pagã. Nas nações imperfeitamente christãs a escravidão será temperada pelo sentimento christão, mas sem embargo a escravidão da Igreja será sempre para o Estado uma raiz fecunda de escravidão social. (Audisio, *Dir. Publ. da Igreja e das nações christãs*, l. III, tit. I, §§ 4, 5.) Podeis ver essa verdade amplamente confirmada na obra do protestante Guizot, intitulado : *A Igreja e a sociedade christã.*

228. Em conclusão, *união sem confusão*, *distincção sem separação*, eis a formula geral expressiva das relações da Igreja com o Estado.

DECLARAÇÃO DO AUTOR.

Sujeito estas *Lições de Philosophia* ao juizo indefectivel da Santa Igreja Romana, isto é, á correcção do Soberano Pontifice, Pai e Mestre infallivel de todos os christãos; e com elle digo, e tenho como verdade « que é obrigação rigorosa, quer do philosopho, que deseja ser filho da Igreja, quer da mesma philosophia, não dizer nada contra o que a Igreja ensina, e retractar-se desde que Ella o adverte; e bem assim que inteiramente erronea e soberanamente injuriosa á Fé á Igreja e á sua autoridade a doutrina que ensina o contrario disto. « *Et omni philosopho, qui Ecclesiæ filius esse velit, ac etiam philosophiæ officium incumbit nihil unquam dicere contra ea, quæ Ecclesia docet, et ea retractare de quibus Ecclesia monuerit. Sententiam, quæ contrarium edocet omnium erroneam, et ipsi fidei, Ecclesiæ ejusque auctoritate vel maxime injuriosam esse dicimus et declaramus.* » (*Let. Apost. Gravissimas*, de 11 de Dezembro de 1862.)

FIM.

INDICE DAS MATERIAS

SEGUNDA PARTE. — METAPHYSICA GERAL OU ONTOLOGIA.

TERCEIRA PARTE. — PSYCHOLOGIA.

QUINTA PARTE. — ETHICA OU DIREITO NATURAL.

PRIMEIRA SECÇÃO. — ONTOLOGIA MORAL.

SEGUNDA SECÇÃO. — MORAL OU DIREITO IN DUAL.

Lição LXIV. — Do direito e do dever em geral.

Lição LXV. — Dos deveres naturaes em particular e primeiramente dos deveres para com Deos.

Lição LXVI. — Dos deveres naturaes do homem para comsigo.

Lição LXVII. — Dos deveres naturaes do homem para com os outros.

Lição LXVIII. — Dos direitos naturaes em particular, e primeiramente do direito de conservação e de defeza. — Do duello.

Lição LXIX. — Do direito de propriedade e seus consectarios.

TERCEIRA SECÇÃO. — MORAL OU DIREITO SOCIAL.

Lição LXX. — Da sociedade em geral.

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

ERRATA

Por ter sido este livro impresso fóra da vista do auto saio com varias incorrecções, apesar dos cuidados da revisão estrangeira. Eis aqui a *errata* das principaes.

PAG.	NUM.	ERROS.	EMENDAS.
6	9	Philosophia	Philosophus
10	14	De rigente	Dirigente
19	9	Preciso e	Preciso é
25	21	E da essencia	Da essencia
27	25	Um termo	Um terreno
30	30	O que ser	O que é ser
33	38	Quantidade	Qualidade
39	50	De sendo	Sendo
40	52	No sujeito	Ao sujeito
40	53	Do mesmo	Ao mesmo
40	53	Proponde	Posponde
41	54	É racional	É animal
49	64	Universal	Universalmente
53	70	Affirmativas	Particulares
54	72	E fallivel	É fallivel
61	84	Concluem em todo	Concluem que em to
77	119	Extenso	Externo
86	133	Proposição	Propensão
88	137	Quando não são	Quando são
95	152	Formemos pois	Tomemos pois
113	194	Principio	Principia
115	196	Impura	Empirica
126	196	Incompleto	Incomplexo
129	15	E evidente	É evidente
131	18	Quasi do	Quando
136	25	A primeira	O primeiro
136	26	De ser chamada	De ser, e é chan
146	43	E a causa	É a causa
148	45	Necessidade	Necedade
167	70	Attributos diversos	Attributos divin
169	81	Podessem	Produzem
171	86	É o nada, é o ser	É o nada, e os
175	96	Aque	Aquella

PAG.	NUM.	ERROS.	EMENDAS.
178	99	Substancia	Subsistencia
178	100	Racional	Irracional
192	5	Á alma	N'alma
197	11	E logica. É obvio	E logico é obvio
202	22	Tendo cada	Sendo cada
203	23	Atelá	Á téla
205	25	Excitão	Exercitão
205	25	Esperando	Operando
206	26	Quod sentitur	Quod hoc quod sentitur
215	42	Material interna	Immaterial interna
230	65	Mesmas immunidades	Mesmas immensidades
235	73	Intenção	Intuição
237	76	Imparticipada	Participada
249	96	Da sciencia	Na sciencia
250	98	Por a noção	Por que a noção
250	98	Inconstancia	Inconsistencia
251	99	Sem que	Sim que
255	107	E para que	E por aqui
256	107	E nas diversas	Essas diversas
257	109	De conveniencia	De consciencia
261	116	Se temos	Se lemos
271	132	Se não	Sendo
277	141	Se não	Sendo
281	147	Conservação	Observação
292	161	De substancia	De subsistencia
310	186	Não cousas	Nas cousas
329	216	Observadas	Absurdas
348	242	Verificado	Vivificado
359	4	Temos a existencia	Lemos a existencia
365	11	Theologica	Teleologica
370	16	Uma perfeição	Uma imperfeição
440	53	Em sua realidade	Em sua moralidade
465	97	Como do lado	Como dotado
473	109	Dos direitos derivados	Dos deveres derivados
494	147	Da luta favorecesse	Da luta favoreça
511	175	Não servir ao bem	Não é servir ao bem
526	205	Tendo poder	Não tendo poder
543	226	Competencia se dos	Competencias e dos
544	Ded.	Omnium erroneam	Omnino erroneam.